

## PSICANÁLISE E HIBRIDEZ: POR UM RESGATE DE UMA PSICANÁLISE TRANSFORMADORA

PSYCHOANALYSIS AND HYBRIDITY: RESCUE OF A TRANSFORMATIVE PSYCHOANALYSIS

Ana Carolina Mello Pechansky

**LIVRO: PSICANÁLISE E HIBRIDEZ: GÊNERO, COLONIALIDADE E SUBJETIVAÇÕES**

**AUTOR: THAMY AYOUC**

**CURITIBA: CALLIGRAPHIE, 2021, 240 P.**

Thamy Ayouch, psicanalista e professor da Universidade de Paris (Paris 7), encerra o instigante livro *Psicanálise e hibridez* com o seguinte questionamento: “Em seus aspectos mais ortodoxos, tanto como na perspectiva aqui apresentada, a teoria psicanalítica é *descritiva ou prescritiva*?” (p. 228). Para responder a tal pergunta, ao longo desta obra, Ayouch introduz com maestria interlocuções frutíferas entre o corpo teórico psicanalítico e os estudos da filosofia, da sociologia, estudos feministas e de gênero, *queer*, pós-coloniais e decoloniais, entre outros, em uma tentativa de resgatar a potência subversiva da teoria e da clínica psicanalítica frente à subjetividade dos sujeitos contemporâneos, muito diferentes dos sujeitos inscritos no contexto histórico-social de onde Freud teorizou a psicanálise inicialmente.

No decorrer do livro, apoiado em autores como Lacan, Laplanche, Foucault, Deleuze, Guattari, Butler e muitos outros, Ayouch aponta a universalização de conceitos psicanalíticos como um dos principais entraves para a atualização de uma teoria que possa fazer-se trabalhar a partir das subjetividades atuais. Conceitos como a percepção da alteridade por meio da diferença entre os sexos, Édipo, falo, castração, cena primária e outros são apontados pelo autor como mitos e esquemas narrativos de determinada época “tomados em sua literalidade” e introjetados dentro de um esquema metapsicológico, além de serem convenções terminológicas que buscam abarcar a complexidade dos fenômenos inconscientes, mas que não devem ser tomadas como a-históricas e fixas. Ayouch somente problematiza estes conceitos para, em seguida, apontar soluções possíveis a fim de que tais concepções teóricas não levem, automaticamente, à patologização de sujeitos alterizados, minoritários – os “outros”, que se constituíram diferentemente de uma prescrição homogênea cis-heteronormativa e ocidental.

A segunda parte de seu livro propõe tomar em extensa análise o conceito de hibridez, principal instrumento pelo qual tornar-se-ia possível tal reposicionamento da psicanálise. Acompanhamos Ayouch em uma revisão cuidadosa sobre seu significado (de modo genérico, a inclusão de elementos estrangeiros, díspares, heterogêneos), sublinhando que a hibridez é central para a teoria psicanalítica: a própria noção de aparelho psíquico, dificilmente separável entre instâncias, trabalha em constante hibridação operando deslocamentos,

formações de compromisso, associações livres e perlaborações. Para além de sua importância metapsicológica, Ayouch sustenta que a alteridade, centro da escuta clínica, produz hibridez quando não busca reduzir o desconhecido do inconsciente do paciente ao conhecido pelo analista.

Colocadas as bases de seu pensamento, Ayouch debruça-se sobre a hibridação da psicanálise sob os vértices do gênero e da colonialidade. Para isso, não sustenta uma clínica particular dos sujeitos minoritários nem uma criação de uma teoria das minorias, mas sugere a possibilidade de uma psicanálise “menor” – emprestando-se do termo de Deleuze e de Guattari. Esta psicanálise buscaria conversar com outros campos de saber para pôr à prova e combater o universalismo de algumas de suas concepções, pois existe uma dificuldade posta em questionar-se acerca de formações discursivas de uma subjetividade da qual se participa. Uma psicanálise menor também levaria em consideração a especificidade da inscrição da violência nas subjetivações dos sujeitos alterizados, o que implica não se isentar de críticas.

Um importante aspecto da hibridez na perspectiva de Ayouch é que esta carrega consigo uma dimensão política de tensionamento das relações de poder dentro da psicanálise, não colocando, sobretudo, uma fantasia implícita de pureza dos corpos ou das raças “maculadas” por uma hibridação das sexualidades dissidentes ou de culturas não ocidentais, em termos geográficos ou simbólicos. Trata-se de acompanhar a psicanálise até os limites de sua estrutura teórica até sua diferença frente a outros campos para que um “pensamento dos confins”, utilizando o termo de Fethi Benslama, possa emergir e produzir novos saberes a partir de sua desterritorialização.

Ao primeiro olhar, pode parecer que a psicanálise já opera de forma híbrida na interlocução com diferentes campos – artes, literatura, filosofia –, correndo-se o risco de se cair em um lugar-comum de inércia e autossuficiência. Um segundo olhar, mais cauteloso, compreende que Ayouch almeja, com isto, fornecer instrumentos teóricos para que a psicanálise se torne habitável a sujeitos excluídos de seu corpus de inteligibilidade.

Respondendo a seu próprio questionamento, ao autor parece que a psicanálise não tem a incumbência de prescrever ou de descrever, mas de *transformar* – tomar cada mudança no campo social e das identidades como um enunciado de algo novo que se inscreve nas subjetividades e modifica o pensamento teórico e a prática clínica. Acreditando na capacidade da psicanálise em mitigar o sofrimento psíquico, este livro é um convite a resgatar a potência de um pensamento que deve hibridar-se para manter-se vivo, atual e o mais psicanalítico possível: o mais alteritário possível.

*Psicóloga formada pela PUCRS, aluna do Curso de Psicoterapia da Infância e da Adolescência do CEAPIA e colaboradora do Laboratório de Sexualidade, Gênero e Psicanálise.  
Email: anapechans@gmail.com*

## ESTAR PARA VIR A SER

TO BE AS TO BECOME

Gabriel Teitelbaum

**LIVRO: A PSICANÁLISE DO VIR A SER****AUTOR: CLAUDIO CASTELO FILHO****SÃO PAULO: BLUCHER, 2020, 306 P.**

Quando iniciamos o aprendizado de um novo idioma, uma língua estrangeira, costumamos aprender o verbo *ser* logo nos primeiros momentos. A partir deste verbo é possível começar a conjugar e depois a expandir o vocabulário, as construções frasais e consequentemente textuais. No inglês, por exemplo, é comum que as primeiras aulas sejam a respeito do verbo *to be*. No francês ocorre o mesmo com o *être*, e assim por diante. No português, entretanto, há uma particularidade interessante: a nossa é uma das poucas línguas que diferenciam o ser e o estar. Nos exemplos citados, por exemplo, os verbos *to be*, do inglês, e *être*, do francês, servem aos dois significados que se diferenciam no português. A diferença diz respeito, entre outros detalhes, à perenidade ou transitoriedade de determinado estado ou condição. É possível estar doente temporariamente ou ser doente de forma crônica, assim como é possível estar alegre por determinada situação ou ser alegre por definição. O livro de Claudio Castelo Filho, *A psicanálise do vir a ser* (Blucher, 2020), parece dar conta dessa diferenciação de um modo bastante preciso e particular.

Como o título do livro indica, o tema aqui é a psicanálise, mas de uma forma aberta, que não antecipa nem exige, que está conectada com o estar, com o ser e com o vir a ser. A obra é composta por quatorze capítulos escritos ao longo da carreira do autor, alguns deles já publicados ou apresentados e revisados para estarem nesse livro. De partida, na apresentação, o autor antecipa que seu modo de escrita se propõe a se afastar de uma linguagem hermética, o que se confirma ao longo de toda a obra. De leitura fluida e dinâmica, o livro aborda temas eminentemente clínicos sem nunca perder de vista a teoria. A perspectiva teórico-clínica ainda é enriquecida pela estética, seja tendo em vista a própria prática analítica em sua dimensão sensorial, seja tomando como objeto de estudo as artes cinematográficas, plásticas ou literárias que são referidas em diferentes capítulos.

Desde o começo, chama atenção a forma ao mesmo tempo consistente e arejada com que o autor aborda conceitos já bastante discutidos na teoria psicanalítica. Retoma, por exemplo, a contratransferência, a importância da análise do analista e a própria razão de ser de um processo analítico. Assim como afirma que a psicanálise serve para apresentar uma pessoa a ela mesma, Castelo Filho trata de nos colocar diante de velhos conhecidos de forma a observá-los, sem memória e sem desejo, para que algo se produza desse encontro, para que algo possa ser pensado e *venha a ser*. Ou seja, ao transmitir a teoria psicanalítica, coloca em palavras aquilo que propõe para a prática clínica: ser capaz de

observar, perceber, sentir o encontro analítico (e também a teoria), para poder analisar aquilo que se produz nesse encontro e, assim, integrar partes não reconhecidas, expandir-se. O autor demonstra também que o caminho para vir a ser implica o desprendimento do que deve ser, diferenciando de forma aguçada a existência da exigência. Em determinado momento, coloca que a transmissão só terá sentido se o leitor o der “por meio de sua prática, de sua experiência clínica e, principalmente, de sua análise pessoal” (p. 60). Em diversos momentos se vale dos conceitos de Bion, o que é somado a uma forma de abordar a teoria de acordo com Freud, ou seja, sempre aberta a novas versões e revisões, longe da rigidez.

A seleção dos capítulos parece seguir um curso sutil que parte de conceitos mais teóricos e passeia pelo infantil, pela sensorialidade (como coloca o autor, o “sensa-cional”), pela moral e pela ética, pelas artes, e culmina na relação com a morte. Assim, o percurso do trabalho conduz a diferentes formas de uma pessoa ter contato consigo mesma, conhecer-se; pelas observações, percepções e sensações que podem ser pensadas a partir de um trabalho analítico; por fazer arte, criando ou brincando; por poder se constituir eticamente sem estar moralmente engessado; ou ainda se relacionando da forma possível com a finitude da vida própria e daqueles que ama.

É particularmente prazerosa a leitura dos trabalhos em que o autor demonstra sua relação com as artes, especificamente o cinema, mas também abordando temas literários. O caminho para esses capítulos (“A grande beleza” e “Luchino Visconti e a sensualidade das imagens”) parece construído como em um roteiro, já que anteriormente o autor coloca ênfase nas percepções sensoriais do analista nos encontros com seus analisandos. Assim, depois de abordar a clínica de forma a dar espaço ao sensorial, chega às artes visuais como objeto de estudo. Vale também destacar o capítulo final, que não por acaso aborda a relação com as perdas e a morte de entes queridos. Novamente há uma construção teórica consistente, recheada de vinhetas clínicas e da experiência pessoal do autor, demonstrando outra vez a sustentação firme, mas aberta ao novo de suas construções.

Como forma de concluir, além da recomendação da leitura da obra, é importante retomar nosso ponto de partida. Se por um lado *A psicanálise do vir a ser* está atenta ao momento presente do encontro entre analista e analisando – o *estar*, o transitório –, ela também visa ao *ser*, à existência renovada, integrada e ampliada que pode advir de um encontro exitoso. Dessa forma, é necessário estar em relação para vir a ser. Estar aberto ao infantil, ao potencial criativo e aos limites da vida, sem deixar que as exigências morais interfiram na constituição de uma ética própria. Da mesma forma, para que a clínica e a teoria psicanalíticas se proponham a vir a ser, precisam também *estar*, no sentido de poder constantemente observar e pensar também a si próprias, sem exigir algo de seus analisandos ou de seus conceitos a priori. Assim, tanto para a psicanálise como teoria quanto para seus analisandos e analistas, é possível ser de acordo com o que se é, e não de acordo com as exigências, deveres ou aparências.

*Psicólogo. Psicanalista em formação e membro associado da Sigmund Freud Associação Psicanalítica.  
E-mail: gabrielteitelbaum@gmail.com*